

Literatura para a infância com mensagem ambiental: sua influência nas ideias das crianças acerca da relação entre o ser humano e a natureza

António Almeida¹ e Orlando Strecht-Ribeiro²

¹Escola Superior de Educação de Lisboa, Centro de Geologia da Universidade do Porto, Portugal. E-mail: ajcalmeidageo@gmail.com. ²Escola Superior de Educação de Lisboa, Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais, Portugal. E-mail: joseorribeiro@gmail.com

Resumo: A literatura para a infância tem vindo a incorporar valores ambientalistas que traduzem perspectivas distintas na forma de o ser humano olhar a natureza. Este estudo consistiu na verificação da influência de três obras com um ideário não antropocêntrico nas ideias das crianças acerca (1) da apropriação do planeta pelo ser humano e consequente expulsão das outras espécies, (2) do confinamento de animais em zoológicos e (3) do aprisionamento de animais em gaiolas em meio doméstico. Para tal, 89 crianças do 1.º ciclo (idades compreendidas entre os 8 e 10 anos) de duas escolas portuguesas trabalharam as 3 histórias seguindo um plano de exploração pré-definido. Após esta exploração, foi-lhes aplicado um questionário com situações-problema, versando os assuntos mencionados, e que se propôs verificar a incidência nas crianças de argumentos centrados ou descentrados no ser humano. Os resultados indicaram que os últimos tiveram uma frequência elevada, o que indicia pelo menos alguma influência das obras trabalhadas.

Palavras-chave: literatura para a infância, ideias das crianças, valores ambientalistas, antropocentrismo, educação ambiental.

Title: Children's literature with an environmentalist message: its influence in children's ideas about human-nature relationship.

Abstract: Children's literature has been incorporating environmentalist values that translate different perspectives in the way that human beings view nature. This study aimed to verify the influence of 3 stories with a non-anthropocentric philosophy on the ideas of children about (1) human appropriation of the planet and the consequent expulsion of other species, (2) the capture of animals in zoos and (3) the capture of animals in cages in a domestic environment. For this purpose, 89 children of the 1st cycle (aged between 8 and 10) of two Portuguese schools worked on the 3 stories following a predefined plan. They were then submitted to a questionnaire dealing with problem situations about the above referred issues aiming to verify the incidence in children of human and nonhuman centred reasoning. Results have shown that the latter occurred with a high frequency, which means that working the stories had at least some influence in this fact.

Keywords: Children's literature, children's ideas, environmental values, anthropocentrism, environmental education.

Introdução

O reconhecimento da importância da literatura para a infância no desenvolvimento integral das crianças tem merecido a atenção de diversos autores. Perkins (2008) refere algumas das potencialidades que se abrem aos jovens leitores decorrentes da leitura:

- desenvolve a consciência acerca da estrutura da história e da sequenciação de ideias;
- estende as suas experiências e mostra outras formas de fazer algo;
- convida ao recurso das suas próprias experiências e entendimento para compreender um livro;
- incita à reflexão crítica das suas próprias experiências e formas de viver e ser;
- permite ver padrões e relações na vida, partindo de acontecimentos particulares para uma visão global;
- ajuda a ver o mundo segundo outros pontos de vista.

Se atendermos concretamente à última potencialidade referida, uma outra ideia forte que se tem vindo a afirmar nos últimos anos é a de que os textos escritos para crianças estão longe de ser neutros, refletindo a carga ideológica dos seus autores, o que tanto pode acontecer de forma intencional (escolhem os aspectos de natureza social, política ou moral que pretendem recomendar às crianças), como implícita (transmitem de forma passiva e pouco estruturada aquele que é por norma o ideário dominante na sociedade). Sarland (2005) refere estudos que mostram como em livros para crianças se podem encontrar valores xenófobos, racistas, imperialistas, sexistas, homofóbicos, classistas ou neocolonialistas. Todavia, nos últimos anos, várias obras a que se fará referência em seguida, têm sido construídas com uma finalidade oposta, e que poderíamos resumir de promoção da tolerância, do altruísmo e de contributo para uma nova ordem mundial. Neste âmbito importa destacar a introdução da temática ambiental, que não deixa igualmente de partir do pressuposto de que os textos lidos pelas crianças podem influenciá-las na sua forma de pensar e ver o mundo que as rodeia.

Esta temática ambiental foi certamente motivada pela situação de crise ambiental planetária que se agudizou a partir da década de sessenta do século XX. Com a chegada das preocupações ambientais aos campos político, económico, social e ético, vários autores que escrevem para crianças viram aí um enorme potencial para construção dos seus textos literários (quer sejam narrativos, líricos ou dramáticos), apresentados com a intenção expressa de sensibilizar e consciencializar os mais novos para estes assuntos e na esperança de que novas atitudes e comportamentos mais consonantes com formas e estilos de vida com menos impacto no planeta sejam interiorizados. Alguns destes textos apelam mesmo ao exercício de uma cidadania ativa e as crianças surgem como atores principais das mudanças comportamentais necessárias, capazes de mobilizar adultos e de convencer os diferentes poderes instituídos (local, regional, estatal).

Em Portugal, não constituindo propriamente uma temática dominante, várias obras com esta preocupação têm sido publicadas nas últimas três décadas, e títulos como "João Ar-Puro no país do Fumo", de José Jorge Letria, "A cidade dos automóveis", de Maria do Carmo Mendonça, "Valéria e a Vida", de Sidónio Muralha, ou "Beatriz e o Plátano", de Ilse Losa, exemplificam a incorporação por parte de alguns autores portugueses ou de língua portuguesa das finalidades educativas anteriormente referidas. É interessante verificar que outras obras com um teor essencialmente ecológico, apesar de publicadas em menor número, valorizam de forma clara conceitos de Ecologia e introduzem noções como a de habitat, ecossistema, nicho ecológico, noção de equilíbrio, relações bióticas, extinção de espécies e conceitos preservacionistas, como o de parque natural, sem perderem o seu carácter literário. São disso bons exemplos "O Julgamento do Cuco", de Eurico Baptista", "Férias Ecológicas", de Margarida Alves, e, principalmente, as obras de Clara Pinto de Correia, "O sapo Francisquinho" e a "Ilha dos pássaros doidos" (1), a que não é certamente alheio o facto de esta autora ser bióloga de formação.

Importa contudo afirmar que a publicação de obras com temática ambiental e ecológica se tem vindo a revelar muito irregular e até escasseado nos últimos anos, refletindo talvez o modo como as questões ambientais têm sido encaradas pela sociedade portuguesa e, por reflexo, igualmente pela escola. Para Soromenho-Marques (1998), a ausência de uma cultura de espaço público associada a uma atrofia do exercício da cidadania decorrente da separação bem marcada entre a sociedade civil e o Estado podem justificar parte do alheamento perante as questões ambientais e a (quase) ausência de comportamentos para os minimizar. No que se refere à escola, Raposo (1997) fruto do seu trabalho de coordenação no entretanto extinto Instituto de Promoção Ambiental (IPAmb), no âmbito do qual acompanhou o desenvolvimento de vários projetos nas escolas, detetou na implementação da Educação Ambiental (EA) as fragilidades seguintes:

- atividades dispersas no tempo e no espaço associadas a datas comemorativas e sem fio condutor;

- definição de objetivos demasiado ambiciosos e/ou inadequados aos públicos-alvo;

- escolha de temáticas frequentemente submetida a interesses momentâneos e uma deficiente avaliação dos recursos disponíveis.

Ainda assim, Baptista e Vilarigues (2001) consideram que tem vindo a crescer o número de alunos envolvidos em EA, e que esta tem adquirido um carácter mais continuado, integrado e contextualizado, e menos associado à comemoração esporádica de efemérides. Mas esta perceção diferente foi transmitida antes da anulação de importantes apoios estatais a projetos desde 2001. Daí que o contato regular com muitas escolas por parte dos presentes autores tem permitido verificar algum declínio na implementação desta área transversal ao currículo com consequências na formação dos alunos.

Fundamentação teórica

A já referida presente crise ambiental teve como uma das suas consequências o despoletar do campo da ética ambiental, decorrente da insuficiência da ética tradicional, centrada estritamente no campo das relações humanas (Almeida, 2007). Neste campo, o surgimento de teorizações diversas evidenciou que o ideário ambientalista está longe de ser uno e consensual, surgindo múltiplas perspectivas acerca do modo como o ser humano pode olhar para o planeta. Knapp (1999), por exemplo, identifica dez delas que coloca num contínuo, partindo daquelas que se centram no ser humano até às claramente dele descentradas e de carácter holístico. São elas: "O uso racional de recursos", visão instrumental mas conservacionista do planeta; "A ecologia social", redefinição dos sistemas social e político de forma a enfrentar os problemas ecológicos; "O ecofeminismo", estabelecendo um paralelo entre a opressão das mulheres e a exploração da Natureza e visando ultrapassar a visão das sociedades patriarcais; "A intendência", que assume a responsabilidade humana de proteger os ecossistemas; "A land ethic", baseada nos escritos de Aldo Leopold e que valoriza a importância do conhecimento ecológico no desenvolvimento de uma ética de respeito pelas comunidades naturais; "A reverência pela Vida", com base nas ideias de Albert Schweitzer de profundo respeito por todas as formas de vida e de compensação pelos males nelas provocados pelo ser humano; "A deep ecology", defensora de um impacto mínimo do ser humano no planeta e uma visão de auto-realização que torna indissociável o bem do ser-humano do bem da Natureza; "A tradicional ou indígena", inspirada na harmonia e reciprocidade para com a Terra manifestada pelos povos nativos; "Os direitos dos animais", defensora do fim de atividades humanas causadoras da sua morte ou sofrimento e "A ecoativista radical", propondo medidas e ações extremas, mesmo que ilegais, para impedir danos na Natureza.

É discutível se a ordem proposta por Knapp, no sentido de as diferentes perspectivas se descentrarem cada vez mais do ser humano, é a mais correta. Mas o que importa aqui salientar é a sua grande diversidade. No entanto, por questões de análise para o presente trabalho, preferimos a categorização aglutinadora e simplificada de Almeida (2007) que, admitindo diferentes teorizações no seio de cada perspectiva, as arruma da seguinte forma:

Antropocêntrica – centrada numa visão instrumental da Natureza, considera-a por isso um recurso para usufruto humano, não só a nível económico mas também estético, científico, histórico e vivencial, dimensões igualmente indispensáveis para o bem-estar físico e psicológico das pessoas;

Biocêntrica – centrada no reconhecimento do valor intrínseco das outras formas de vida, valor esse que é independente da utilidade que os seres vivos podem ter para o ser humano;

Ecocêntrica – centrada no valor dos ecossistemas e da Ecosfera, cujo equilíbrio se sobrepõe aos interesses particulares de cada espécie, nomeadamente da humana.

Os autores que escrevem para crianças com o intuito de promover valores ambientalistas acabam por veicular perspectivas acerca da relação do ser humano com a natureza de uma forma explícita ou implicitamente. No que se refere aos autores que privilegiam a abordagem de conceitos de Ecologia, é inegável que contribuem para a percepção da Natureza de uma forma holística, mas a presença clara de uma perspectiva ecocêntrica nos seus textos é discutível, até porque a Ecologia é uma ciência e o âmbito das perspectivas em discussão é claramente do foro ideológico. Além disso, não tendo os autores que escrevem para crianças a obrigação de se inserir num determinado ideário específico, até por desconhecimento de diferentes teorizações no campo da ética ambiental, torna-se por vezes difícil uma identificação clara da perspectiva ambientalista presente. A título de exemplo, e tendo como referência as obras citadas, as que abordam a temática da poluição focalizam-se claramente nos seus efeitos danosos para o ser humano, o que é revelador de uma preocupação estritamente antropocêntrica. Mas a obra "Beatriz e o Plátano" talvez seja paradigmática da possibilidade de abordagem das outras perspectivas referidas. Num breve resumo, o texto começa por descrever como Beatriz apreciava o plátano que via todos os dias da janela do seu quarto, e como o mesmo era importante para o estabelecimento de um certo sentido de pertença ao local onde vivia. Além disso, constatava que o mesmo era abrigo de numerosos pássaros. Ora, as autoridades do local chegaram à conclusão de que o enorme plátano impedia que se apreciasse devidamente um edifício dos correios entretanto reconstruído. Como tal, decidiram cortá-lo. Quando isso estava para acontecer Beatriz permaneceu junto da árvore oferecendo resistência e afirmando que se queriam cortar a árvore teriam de a cortar a ela também. Acabou por sensibilizar a população e a árvore foi poupada. O texto suscita de imediato várias questões:

Porque salva então Beatriz o plátano? Porque se sente atraída pela beleza da árvore? Porque reconhece o valor intrínseco de um outro ser vivo? Porque desenvolveu um processo de identificação em que qualquer dano é sentido como um dano pessoal, ideia defendida por teorizações ecocêntricas? Ou porque valoriza também o papel ecológico da árvore?

Possivelmente, podem coexistir razões diversas, não obrigatoriamente incompatíveis, pertença de diferenças perspectivas, oferecendo a obra uma riqueza interpretativa que não deve aliás ser vista como algo negativo. A questão que se coloca é por isso de ordem diferente. Sabendo que algumas das obras citadas são trabalhadas em contexto escolar, estarão os professores preparados para as abordar, possibilitando a discussão entre diferentes quadros de valores?

Apresentação do projeto de investigação

A presente investigação teve como finalidade verificar a influência de três obras expressamente construídas pelos autores do presente projeto e que visavam articular um teor ecológico com um ideário ambientalista não centrado no ser humano, colocando precisamente as crianças perante ideias defendidas pelas perspectivas biocêntrica e ecocêntrica e que, após terem sido aceites para publicação, puderam estar disponíveis para exploração em contexto escolar. Os aspetos centrais abordados nas obras referidas foram os seguintes:

(1) apropriação pelo ser humano do planeta e consequente expulsão das outras espécies;

(2) confinamento de animais em jardins zoológicos;

(3) aprisionamento de animais em gaiolas em meio doméstico.

As obras concebidas foram "O dono de tudo", "Alerta no Zoo" e "A Poupa Poupada" (Figura 1), todas elas integrando o Plano Nacional de Leitura, promovido pelo Ministério da Educação com amplos objetivos relacionados com a incentivação à leitura, dentro dos quais destacamos "enriquecer as competências dos atores sociais, desenvolvendo a ação de professores e de mediadores de leitura, formais e informais" (LER⁺, Ministério da Educação). De uma forma um pouco mais pormenorizada, cada obra pretendia fazer refletir sobre aspetos que podem ser apercebidos na respetiva nota de apresentação:

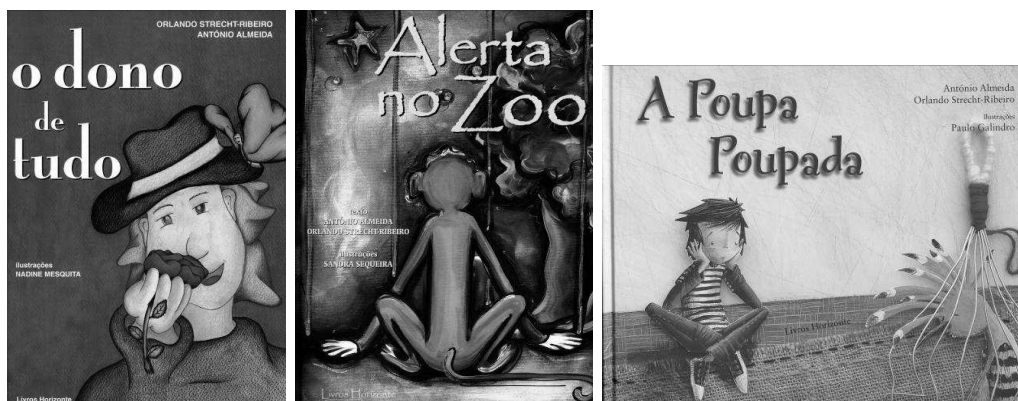


Figura 1.- As obras concebidas com teor ambientalista não antropocêntrico, exploradas pelas crianças no presente estudo.

O dono de tudo – Tudo se torna mais bonito quando se divide com os outros, quando é partilhado. Podemos ter coisas só nossas, está claro, mas outras... A Natureza não é exceção. Tudo nela faz sentido quando está em harmonia, tudo se relaciona com tudo e todos, as coisas mais pequenas e as maiores. Contrariar este equilíbrio ou lutar para o desfazer serve apenas para desperdiçar energias e enfraquecer quem o tenta. Por que será que o Homem levou tanto tempo para entender isto? Trata-se aqui de uma perspectiva de teor ecocêntrico, com o ser humano inserido numa teia de dependências que se revelam essenciais à sua sobrevivência.

Alerta no Zoo – Aquele fim de tarde foi determinante para que o macaquinho Golias percebesse que o jardim zoológico onde vivia estava longe de ser o paraíso. A jaula do tigre, o gaiolão das aves de rapina, o recinto da girafa ou o tanque das focas, todos colocavam fortes limitações às necessidades mais elementares dos animais, impedindo-os de viver felizes e com dignidade. A distância dos respetivos habitats naturais era enorme e havia que melhorar o mais rapidamente possível todos os espaços do zoo. O macaquinho teve uma ideia para o conseguir fazer. Não podia hesitar. Os animais estavam à espera de um cativo menos traumatizante. E, apesar de pequenino, Golias foi um gigante na sua ousadia. Será que teve sucesso? Nestas situações, como se pode ajudar? A perspectiva

presente é de teor claramente biocêntrico, discutindo-se as condições essenciais ao florescimento de diferentes seres vivos.

A Poupada Poupada – O pensador chinês Zheng Banquiao viveu durante a Dinastia Tsing. Afirmou ele: “Detesto prender uma ave porque ela se torna uma prisioneira apenas da minha felicidade. Tem de submeter o seu carácter à minha necessidade espiritual. Com isto não quero afirmar que não goste delas, mas apenas que desejo que vivam como devem viver. Se quiser ter aves de estimação, primeiro plantarei árvores à roda de minha casa, que providenciarão os locais ideais para elas”. Apesar de escrito há mais de 2000 anos, nada nos pareceu mais actual. Até que ponto a estima que dizemos dedicar aos animais passa por mantê-los presos em nossas casas? Será que qualquer animal consegue ser feliz em cativeiro? Ou devemos pensar melhor neste assunto? As perspectivas presentes são a biocêntrica, fruto da discussão dos efeitos nocivos do cativeiro de uma ave apanhada num bosque, mas também a ecocêntrica, uma vez que se transmite a ideia de inserção da ave no seu ecossistema.

Assim, prevaleceu desde o início a intenção de colocar as crianças perante ideias provenientes de perspectivas não centradas no ser humano acerca da Natureza. A construção de histórias com os ideários referidos, e a sua utilização expressa neste estudo, decorreu após a análise de várias outras obras publicadas com teor ambientalista, como por exemplo as já citadas anteriormente, e que permitiu verificar que a perspectiva antropocêntrica era dominante. Outras, como a Beatriz e o Plátano, que nós pareceram mais adequadas para a finalidade citada, não se encontram estruturadas, aliás compreensivelmente, de acordo com a possibilidade de exploração das três perspectivas ambientalistas apresentadas.

Embora a articulação entre a ecoliteracia, a ética ambiental e a literatura para a infância tenham sido objeto de análise em vários trabalhos da responsabilidade de Ramos e Ramos (2011a, 2011b), desconhecem-se estudos em Portugal com uma finalidade semelhante à da presente investigação. Contudo, um estudo de Rodrigues (2011) um ano posterior ao apresentado neste artigo, apresenta alguns pontos em comum, embora tenha recorrido a um design investigativo diferente. Rodrigues implementou um estudo de caso com crianças do 4.º ano de escolaridade, e através de uma entrevista semi-estruturada identificou nelas uma série de preocupações ambientais, nomeadamente relacionadas com a poluição, os incêndios e a proteção de espécies. No decurso desta identificação, e a partir dos argumentos que as crianças utilizaram, é mesmo possível constatar a presença de razões de teor antropocêntrico, biocêntrico e até ecocêntrico. Mas uma vez que a referida investigadora não se moveu no presente quadro teórico, nada é dito acerca da frequência de cada tipo de argumentos. Seguidamente, as crianças assistiram à leitura do livro de Umberto Eco “Os Gnomos de Gnu” e sobre ele desenvolveram várias atividades. Trata-se de uma obra de teor ambiental com um enfoque distinto das obras exploradas no decurso da presente investigação, uma vez que a poluição na Terra e o esgotamento de recursos são os temas centrais do referido livro (Eco, 2007). Após a aplicação de um questionário no final das atividades, Rodrigues (2011) conclui que a exploração da história veio aprofundar alguns dos conceitos que as crianças já possuíam.

Metodologia

A implementação do plano investigativo foi da responsabilidade de quatro professoras do ensino básico pertencentes a duas escolas situadas na região de Lisboa, pelo que a seleção das 89 crianças da amostra foi obtida por esta via. As duas escolas são frequentadas maioritariamente por alunos das classes média e média-alta, possuindo os pais/encarregados de educação elevadas habilitações literárias (mais de 50% com licenciatura ou grau académico superior).

A escolha das professoras decorreu do facto de serem regularmente professoras cooperantes da instituição do ensino superior a que pertencem os dois investigadores do presente estudo. Foram indicadas pela coordenadora de um dos cursos desta instituição, como especialmente receptivas à inovação educacional, aderindo com entusiasmo a projetos interventores na sua prática pedagógica. De entre um grupo de professoras mais alargado, e com as mesmas características pessoais, acabaram por ser escolhidas as que leccionavam o 3.º e o 4.º ano de escolaridade, porque se pretendia a participação de crianças que tivessem desenvolvido competências de leitura facilitadoras de uma análise e exploração mais conseguidas das três obras apresentadas, assim como da consecução de algumas das atividades a desenvolver relacionadas com as obras. As crianças selecionadas por esta via indireta tinham idades compreendidas entre os 8 e os 10 anos (média 8 anos e meio).

As abordagens de teor ambiental das duas professoras, que acompanhavam estes alunos desde o 1.º ano, tinham-se confinado à área dos resíduos no âmbito da política dos 3Rs, com destaque para a necessidade da sua triagem para posterior reciclagem. O tema dos animais tinha sido abordado em anos anteriores essencialmente associado à identificação das suas características e distinção entre domésticos e selvagens. Assim, o ideário presente nos livros nunca tinha sido trabalhado pelas professoras, embora as crianças não tenham sido inquiridas acerca das suas vivências em contexto familiar.

O plano de intervenção para exploração das obras foi negociado com as professoras em conjunto e não se pretendeu uma estrutura demasiado rígida, tentando controlar ou uniformizar excessivamente a prática pedagógica de cada uma. Contudo, foi solicitado o cumprimento de um plano genérico comum que passava pelas linhas de força a enfatizar em cada obra, uma actividade concreta definida para cada livro, uma pesquisa autónoma e um debate, procurando promover diversas perspectivas ambientalistas na forma de olhar cada um dos assuntos tratados. Para tal, uma sessão explicativa com as referidas professoras sobre as diferentes perspetivas, tendo por base a leitura de alguns textos enquadradores (Almeida e Strecht-Ribeiro, 2001, Almeida, 2007 e Almeida 2008), foi implementada para possibilitar que as mesmas pudessem identificar e tipificar argumentos veiculados pelas crianças no decurso do plano de intervenção e, assim, gerir melhor o confronto de diferentes ideias que surgisse no decurso das atividades.

O plano encontra-se concretizado na tabela 1 e foi implementado durante todo o ano letivo de 2008/2009 e pretendeu que a exploração das obras se

articulasse com áreas de conteúdo programático, nomeadamente do Estudo do Meio, Língua Portuguesa e Expressões.

Livro: O dono de tudo Linhas de força a enfatizar durante a leitura e análise: -Isolamento da espécie humana das restantes formas de vida; o planeta Terra como espaço comum. Atividades: Composição acerca das principais ideias do texto; O que teria acontecido se o Homem não mudasse de atitude? Pesquisa: Modificação dos espaços naturais pelo Homem através de múltiplas intervenções e consequências resultantes para as outras formas de vida. Debate: A interdependência entre os seres vivos: porque precisamos dos outros seres vivos? Ilustração: Fazer uma ilustração de uma parte do livro preferida. Explicar a preferência.
Livro: Alerta no Zoo Linhas de força a enfatizar durante a leitura e análise: -Contraste entre condições em liberdade e em cativeiro para os diferentes animais Atividades: Composição acerca das principais ideias do texto O livro discute as condições de alguns animais que se encontram num zoo. Escolhe agora outro animal que também exista neste local, não contemplado no livro. Pensa que reivindicações pode ter esse animal para fazer. Imagina a sua opinião acerca do ser humano. Pesquisa: Seleção de um local em que vivam animais e análise das condições que o mesmo oferece. Debate: Para quê a existência de jardins zoológicos? Ilustração: Fazer uma ilustração de uma parte do livro preferida. Explicar a preferência.
Livro: A Poupa Poupada Linhas de força a enfatizar durante a leitura e análise: -Adequação do espaço doméstico às necessidades de diferentes animais Atividades: Composição acerca das principais ideias do texto; A poupa não se sentia bem na gaiola. Mas há outros animais que nos rodeiam que também não se sentiriam bem em cativeiro. Escolhe um deles e explica porquê. Pesquisa: Construção de um guião coletivo de entrevista a pessoas que têm pássaros em casa. Aplicá-lo a algumas pessoas. Analisar os resultados. Debate: Que animais ter em casa? Que condições lhes oferecer? Ilustração: Fazer uma ilustração de uma parte do livro preferida. Explicar a preferência.

Tabela 1.- Concretização do plano de intervenção.

A implementação do plano de intervenção foi acompanhada pelos investigadores através da realização de uma reunião mensal com as professoras. Nestas reuniões, foram apresentadas as dificuldades

manifestadas pelas crianças na consecução das tarefas definidas e ajustados alguns pormenores em termos da calendarização das atividades. A exploração das obras ocorreu ao longo do ano, tendo sido explorada uma em cada período (uma por trimestre), pela ordem referida. O facto de o projeto ter obtido financiamento permitiu a oferta das obras a todas as crianças.

Após a exploração das obras, foi aplicado um questionário que continha 3 grupos de perguntas que se relacionavam com a temática de cada livro e que foi elaborado e ajustado no decurso da implementação do plano. Estas perguntas procuravam ir ao encontro das ideias a enfatizar em cada obra e verificar se as mesmas tinham eventualmente exercido alguma influência nos pontos de vista dos inquiridos. Todavia, não se pretendeu abordá-las de forma direta e estreita, até porque no decurso do plano de intervenção se pode constatar que as crianças pesquisaram outros contextos em que os animais eram vítimas da expansão das atividades produtivas humanas, das suas opções de lazer e ainda da insensibilidade de alguns, pois todos conheciam situações em que os animais viviam em contextos de infelicidade.

Por este motivo, as perguntas procuraram incluir situações parcialmente novas, e que melhor pudessem testar o ideário das crianças e a firmeza das suas convicções.

As questões colocadas no questionário encontram-se na tabela 2.

Perguntas
I A população que vive numa aldeia da Serra da Estrela está a viver um problema porque os lobos que habitam esta região atacam com frequência os rebanhos de pastores. Como achas que se poderia resolver este problema?
II Alguns parques de diversão exibem animais de várias espécies em cativeiro. 1-Indica uma razão que justifique a presença de animais nesses parques. 2-Indica uma razão que seja contra a exibição de animais nesses parques. 3-O que é que tu achas? Devem ou não ser exibidos animais nesses parques? Explica as tuas razões.
III Imagina que um amigo teu gostava de ter um animal em casa e pedia a tua opinião. 1-Que animais o aconselhavas a escolher? Diz porquê? 2-Que animais não o aconselhavas a escolher? Diz porquê?

Tabela 2.- Questionário passado aos alunos no final do plano de intervenção.

A pergunta I foi inspirada numa outra da autoria de Tenreiro-Vieira e Vieira (2000). Considerou-se também ser a pergunta que exigia uma maior exigência, dado que apelava para uma situação de conflito entre os interesses dos seres humanos e os de outra espécie, o lobo, ausente das personagens do primeiro livro. A seleção do problema também decorreu do facto de o lobo ser o maior predador terrestre da fauna portuguesa e uma espécie ameaçada, estando a sua população estimada em pouco mais de 200 indivíduos em estado selvagem. Acresce que, ao longo de décadas, sempre existiu alguma apreensão nas populações rurais em relação à presença do lobo devido aos ataques ao gado, fruto, é certo, do declínio das suas presas naturais (principalmente cervídeos). Mas é de facto uma excelente situação-problema para verificar o modo como as crianças

encaram situações em que é claro o conflito entre o interesse humano e o bem-estar das outras espécies.

As perguntas dos grupos II e III foram pensadas pelos investigadores e colaboradores do projeto. No grupo II, apresentou-se uma situação genérica, até porque as crianças no decurso das atividades propostas evocaram outros locais com animais em cativeiro, como o Badoka Park e o Oceanário, e até a questão dos animais nos circos acabou por ser debatida. O grupo III foi o que acabou por ter questões mais imediatas, mas tal decorreu do facto de se ter concluído que a terceira obra tinha sido explorada de uma forma mais rápida, em virtude de ter sido escalonada para o 3.º período. Também é de referir que o atraso na produção do último livro obrigou a que o conto fosse fornecido aos alunos em papel, o que acabou por não ter apenas consequências negativas, uma vez que a solicitação de ilustração acabou por ficar menos condicionada pelas ilustrações dos ilustradores presentes nas outras duas obras.

As respostas foram codificadas após análise de conteúdo. A codificação baseou-se principalmente na distinção entre argumentos centrados no ser humano, argumentos centrados nos outros seres vivos e argumentos centrados na necessidade do equilíbrio da natureza, no caso em que as perguntas estavam particularmente vocacionadas para gerar este tipo de argumentos. De entre cada tipo de argumentos, diferentes razões foram quantificadas. Optou-se também por apresentar alguns exemplos de respostas dadas pelas crianças. A sua inclusão permite não só avaliar a justeza da interpretação que delas foi feita e consequente categorização mas também possibilitar o conhecimento mais integral das ideias expressas pelas crianças. Neste contexto de transcrição de respostas apenas adotamos a recomendação de Seidman (1998), que, embora sugerida para o contexto da transcrição de entrevistas, parece adequar-se igualmente ao presente contexto de transcrição de respostas de questionários: a necessidade de corrigir a sintaxe frásica, desde que tal não altere o sentido, afim de manter a dignidade dos participantes.

A análise das respostas foi feita em primeiro lugar individualmente por cada membro da equipa e depois comparada. As codificações discrepantes foram analisadas e discutidas e revelaram-se em pequeno número. Os resultados foram por fim apresentados em tabelas de frequência.

Análise dos resultados

De seguida apresentamos os dados relativos às respostas dadas pelas crianças às diferentes perguntas do questionário, após, recorda-se terem desenvolvido as diferentes atividades do plano de intervenção. No que se refere à primeira pergunta, acerca do problema do ataque dos lobos, as respostas foram agrupadas em *danosas* ou *não danosas* para os lobos (Tabela 3).

A maior parte das crianças sugere soluções não danosas para os lobos e que consideramos revelarem um teor biocêntrico.

Destaca-se, não pela sua elevada frequência, mas pela intenção manifestada, o facto de 8 crianças sugerirem alimentar os lobos. Apresenta-se como exemplo uma das respostas obtidas: "Dando bifes aos lobos, assim não precisam das ovelhas para se alimentarem". Mas é também

interessante verificar que as soluções danosas foram frequentemente suavizadas pelas próprias crianças. Das 12 que referem ser necessário colocar os lobos em cativeiro, 8 diminuem o impacto negativo desta medida com a referência à salvaguarda de condições necessárias ao bem-estar destes animais. Dois exemplos: "Podiam pôr uma vedação à volta do sítio onde vivem os lobos. A vedação não podia vedar um espaço pequeno, pois os lobos precisam de espaço. E se tivessem pouco alimento, as pessoas da aldeia podiam pôr coelhos e outros animais. Assim viveriam felizes e podiam caçar"; "Tinha de ser um lugar grande e às vezes podiam pôr lá as ovelhas que já não querem". Trata-se de uma forma de antropocentrismo moderado ou, se quisermos, de biocentrismo incompleto. De referir que 6 respostas foram consideradas difíceis de analisar, sendo bom exemplo a resposta que transcrevemos a seguir: "tentar fazer amizade com os lobos" e que parece uma tentativa de os convencer para não nos causar dano.

Não danosas para os lobos	
Aumentar a segurança das ovelhas	42
-reforçar a vedação em volta do rebanho	(33)
-colocar guardas ou cães de guarda no local para os afastar	(9)
Alimentar os lobos	8
Deslocar o rebanho do local	7
Danosas para os lobos	
Colocar os lobos em cativeiro	12 (8)
Deslocar os lobos para outro local da serra ou para outra serra	12
Matar os lobos	6
Razões incompreensíveis	6

Tabela 3.- Categorização das respostas das crianças à 1ª pergunta. (Nota: 4 crianças indicaram 2 argumentos cada uma).

A incidência total das soluções não danosas para os lobos é ainda mais relevante se atendermos a que, em muitas histórias tradicionais para crianças, estes animais surgem com uma imagem muito negativa, incorporando um mal que importa combater ou mesmo destruir. E talvez ainda ao facto de a amostra ser constituída por crianças de um meio urbano que as afasta do contacto concreto com alguns danos no gado que estes animais possam causar, diminuindo assim a sua sensibilidade para este problema.

Não há nas respostas referências ao papel ecossistémico dos lobos. Mas tal pode decorrer do modo de formulação do problema, embora autores como Kahn (1999) e Kellert (2002) considerem que as crianças têm dificuldade em compreender determinados conceitos de Ecologia porque envolvem uma forma holística de pensamento, só possível de se manifestar a partir da adolescência. E esta é certamente a razão por que os currículos de ciências nos primeiros anos de escolaridade tendem a não contemplar conceitos desta ciência.

No segundo conjunto de perguntas, procurou-se que as crianças enumerassem razões a favor e contra parques de diversão que encerram animais em cativeiro, antes de se posicionarem sobre a sua existência (Tabela 4).

Razões a favor	
-Para as pessoas os observarem, conhecerem e se divertirem	46
-Para se ganhar dinheiro (referência ao turismo)	8
-Para se vender animais	4
-Para terem crianças com quem brincar	1
-Porque os animais estão em extinção ou são raros	7
-Porque têm boas condições (habitat, alimento)	4
-Para ficarem protegidos de outros animais	1
-Para os caçadores não os caçarem	2
-Para viverem mais tempo	1
-Para não estarem em ambientes poluídos	1
-Resposta desadequada à pergunta (incompreensão da pergunta)	15
-Não responde	3
Razões contra	
-Porque não estão em liberdade e /ou no seu habitat	58
-Porque não são felizes	4
-Porque são locais sem condições	2
-Porque as pessoas podem tratá-los mal	1
-Porque podem ser perigosos	5
-Porque vão ser comprados	1
-Resposta desadequada à pergunta (incompreensão da pergunta)	15
-Não responde	3
Posicionamento	
A favor	16
-Mas só se tiverem boas condições	4
-Mas só para os que nasceram em cativeiro	1
-Mas em número limitado	1
-Porque eles gostam das pessoas	2
-Porque ficam protegidos	1
-Para as pessoas superarem o medo deles	1
-Para que os possamos ver e/ou divertirmo-nos	6
-Não vejo mal	1
Contra	68
-Porque devem estar em liberdade e/ou no seu habitat	58
-Porque não devem ser mostrados	2
-Porque querem ficar com os pais	1
-Porque não têm condições (alimentação ou cuidados adequados)	5
-Porque as pessoas os assustam	3
-Porque são perigosos	1
A favor e contra	1
-Depende do animal	1
Respostas incompreensíveis	4

Tabela 4.- Categorização das respostas ao 2.º conjunto de perguntas. (Nota: Nas razões a favor, 4 crianças deram duas razões cada uma; no posicionamento, 2 crianças deram duas razões diferentes na sua opinião contra os zoológicos).

A maioria das crianças respondeu sem dificuldades. Mas ainda assim, 15 revelaram incompreensão da pergunta, sendo o erro mais comum o enumerar locais com animais em cativeiro. As razões a favor foram maioritariamente antropocêntricas, com um claro destaque para a referência por 46 crianças à possibilidade de as pessoas poderem observar, conhecer e divertir-se com os animais. Argumento diferente manifestaram 7 crianças que referem como razão a favor destes parques o seu contributo

para evitar a extinção de espécies. Embora residual em termos de frequência, uma criança refere o efeito de proteção destes espaços perante o ataque de outros animais, numa confirmação da incompreensão do funcionamento ecossistémico da Natureza.

As razões contra foram claramente centradas nos interesses dos animais (com exceção da referência à sua perigosidade), com destaque para a necessidade de permanecerem livres no seu habitat. Foi interessante verificar que uma das crianças foi buscar uma ideia do 3.º texto, talvez por se encontrar mais presente na sua memória, na explicitação de uma razão contra o confinamento de animais. Afirma: "Os animais não gostam de estar em cativeiro e tal como diz no texto da pupa, a longevidade nada tem a ver com a felicidade". Ainda neste campo, as mais curiosas razões contra surgiram com muito menor frequência, como é o caso da referência negativa ao ato de exhibir animais: "Acho que não devem ser exibidos porque as pessoas também não deviam gostar de ter de se exhibir se as obrigassem". E igualmente interessante é a resposta da criança que se afirma a favor e contra, dependendo do animal: "Acho que alguns animais devem estar em cativeiro pois gostam de lá estar, por exemplo, os golfinhos; mas outros sentem-se infelizes e sentem a falta de liberdade, por exemplo, o leão".

De assinalar que várias crianças não conseguiram evocar razões contra os parques de diversão com animais sem manifestar o seu posicionamento, algo que só era solicitado a seguir. Mas tal não significa que não tenham compreendido a distinção entre enumerar razões e posicionar-se sobre elas. Basta verificar a frequência elevada do argumento a favor dos referidos parques, centrado na possibilidade de as pessoas verem e se divertirem com os animais em cativeiro e que depois foi pouco mobilizado na justificação da sua opinião. Talvez porque o livro "Alerta no Zoo" oferece uma mensagem forte e bem explícita, esta parece ter influenciado o número elevado de respostas obtidas contra os espaços em discussão: 68 crianças contra, 16 a favor. E mesmo entre as respostas a favor, várias crianças atenuaram o seu posicionamento com opiniões que importa revelar. A questão das condições volta a preocupar 4 delas. Uma foi particularmente explícita: "Eu acho que sim, desde que tenham ótimas condições de vida, que os treinadores não sejam brutos, e que tenham tempo para descansar e companhia". Embora singulares, duas outras opiniões realçaram a questão do nascer em cativeiro e o número de animais confinados: "Devem ser exibidos os animais que nascem em cativeiro e não os que nascem em liberdade, porque os em cativeiro estão habituados a receber comida e os apanhados gostam de caçar e nas jaulas não podem"; "Acho que podem ser exibidos mas poucos de cada espécie. Por exemplo, há 3000000 de golfinhos no mundo, então 25000 eram exibidos e o resto ficava em liberdade".

Por último, foram analisadas as questões referentes à escolha de animais para ter em casa. Os resultados encontram-se na tabela 5 e também aqui é possível verificar a preocupação das crianças pelo bem-estar animal.

No que se refere ao aconselhamento do amigo quanto aos animais a ter em casa, a maioria das crianças (57) mencionou diferentes animais domésticos por razões distintas, enquanto um número ainda elevado (30)

preferiu condicionar a escolha aos gostos do amigo ou ao bem-estar nele causado pela escolha. No âmbito da seleção concreta de animais, a justificação mais presente foi a de que se tratava de animais habituados ao cativeiro e que, portanto, não sentiriam sofrimento em casa. Dois exemplos: "Eu aconselhava-lhe gatos, cães, pássaros (canários, periquitos), peixes, tartarugas, hamsters e mais alguns. Estes bichos são animais domésticos e vivem melhor com os humanos do que livremente"; "Eu aconselhava-o a ter um cão, um gato, um hamster porque eles são animais domésticos e estão habituados a viver em casas".

Animais a ter em casa	
Referência a animais domésticos por enumeração concreta	57
-porque estão habituados/adaptados ao cativeiro	23
-porque é fácil cuidar deles	13
-porque não são muito grandes	4
-porque são animais sossegados	11
-porque podem ir de férias connosco	1
-enumera mas não explica razões	5
Referência a aspetos pessoais ou opções do amigo	30
-um que ele goste e/ou lhe faça companhia	20
-um que não lhe faça medo	1
-um que não lhe provoque alergias	1
-um que estivesse abandonado para adoção	1
-um que ele tivesse condições para ter	7
Resposta inconclusiva	2
Animais a não ter em casa	
Referência a animais selvagens por enumeração concreta	51
-pela sua natureza não podem viver em casa	24
-pelo seu tamanho	4
-por estarem em vias de extinção	1
-por poderem atacar-nos	17
-enumera mas não explica razões	5
Referência a animais domésticos por enumeração concreta	33
-os que sujam e estragam coisas	3
-os que dão muito trabalho	12
-os que fazem barulho	4
-os que exigem condições particulares para serem felizes	14
Referência a aspetos pessoais do amigo	4
-os que fazem pouca companhia	3
-os que provocam alergias	1
Resposta inconclusiva	1

Tabela 5.- Categorização das respostas das crianças ao 3º conjunto de perguntas.

Com frequência elevada surgiu também a ideia de se tratar de animais fáceis de cuidar por diferentes razões e também a menção ao facto de serem sossegados: "Um canário, porque não é preciso levar o animal à rua nem lavá-lo"; "Eu aconselhava os peixes que são sossegados, os hamsters, que são sossegados, e os gatos, que também são sossegados". No âmbito

do agrado que a escolha podia causar ao amigo, a principal referência adicional foi ao facto de o animal selecionado ser uma boa companhia: "Um animal que o animasse quando estivesse triste, talvez um cão".

No que se refere aos animais a não ter em casa, a referência foi maioritariamente a animais selvagens (51), a animais domésticos que podiam causar-lhe problemas ou para os quais o amigo podia não ter condições (33) e, com frequência agora residual, a referência a danos pessoais mais diretos em termos da sua saúde (4). No conjunto de razões da primeira seleção, a principal razão evocada relaciona-se com a inadequação deste tipo de animais numa situação de confinamento: "Não lhe aconselhava animais selvagens como leões, zebras, girafas e elefantes. Estes animais preferem viver em liberdade e têm os seus costumes e as casas não têm as condições necessárias para eles". Mas outra razão com incidência elevada foi a da sua perigosidade: "A cobra, porque ela morde com força". Na segunda seleção, as crianças, talvez porque não admitam sequer a possibilidade de se evocar um animal selvagem para um contexto doméstico, preferem fazer referência a animais domésticos causadores de problemas. O trabalho que alguns animais dão a cuidar é algo importante para algumas delas, assim como o ruído que eles provocam. Como afirma uma: "Não aconselhava escolher um cão porque dá imenso trabalho a lavá-lo, a levá-lo a passear e a apanhar os presentes"; "O cão, porque eles fazem barulho e não deixam dormir". Todavia, a evocação das condições que o amigo tivesse para oferecer é a ideia mais mobilizada, por vezes a pensar num amigo concreto: "Não aconselhava escolher um peixe porque só tem um aquário pequeno sem espaço para ele nadar"; "Eu não aconselhava pássaros porque ele podia metê-los numa gaiola pequena". Na terceira seleção, as respostas mais interessantes relacionam-se com os animais que consideram fazer pouca companhia, certamente fruto das suas vivências pessoais: " Eu não aconselhava a comprar um gato. Os gatos não gostam de brincar".

No entanto, parece inegável que, face às respostas ao III grupo de perguntas, estas foram as que indicaram uma influência menos direta da obra analisada. Talvez as condições em que a mesma foi explorada, menos tempo e através do acesso a um texto não publicado, sejam razões que justifiquem esta menor influência. Por outro lado, importa salientar o relato das professoras participantes, que verificaram que as crianças foram mobilizando no decurso do ano letivo ideias presentes nos livros em outros contextos de aprendizagem, o que mostra que a exploração continuada das obras exerceu alguma influência no seu ideário.

Conclusões

Os resultados obtidos após o tratamento das respostas do questionário parecem indicar que as mensagens explícitas presentes nas obras abordadas contribuíram para gerar em muitas crianças ideias descentradas do ser humano e suscitaram um olhar diferente perante assuntos pouco questionados quer pela sociedade de forma generalizada quer pela escola, como foram os da apropriação do planeta pelo ser humano, conduzindo à expulsão territorial de outros seres vivos, da existência de zoológicos e de outros parques temáticos com animais ou do confinamento de animais em gaiolas em meio doméstico.

Contudo, não pretendemos afirmar que o ideário das crianças se modifica de uma forma unilateral, quase determinista, por exposição a novas ideias. Como afirma Eco (1983), as opções dos leitores podem passar por assumir a ideologia de um determinado texto, mas também por ignorá-la e modificá-la por influência das suas próprias ideias, fruto de uma interpretação diferente do que está escrito, e ainda questioná-la, fruto do seu posicionamento crítico. E é possível que, não sendo as ideias discutidas dominantes na sociedade, elas possam eventualmente não persistir, apesar de uma empatia temporária por elas.

Todavia, o nosso principal objetivo não consistiu em eliminar do ideário das crianças razões antropocêntricas como, por exemplo, transformá-las em fortes opositores à presença de animais em cativeiro, até porque há razões centradas nos animais para o fazer. Mas, de facto, só conhecendo diversos pontos de vista se pode, em consciência, construir uma opinião fundamentada sobre um determinado assunto. E preferiu-se antes confrontar as crianças com perspectivas menos centradas no ser humano em particular na sua relação com os outros animais, o que foi conseguido através do plano de intervenção apresentado.

Por último, algumas considerações quanto ao contexto da presente investigação e uma justificação para a sua divulgação internacional. Gamble e Yates (2008) criticam a realidade editorial inglesa por praticamente ignorar a tradução de obras no âmbito de literatura para a infância provenientes de outros países. Consideram que, se tal deixasse de acontecer, isso seria uma oportunidade excelente para uma abordagem intercultural, possibilitadora do desenvolvimento nas crianças de uma sensibilidade estética mais ampla. Para contornar esta situação, recomendam uma visita ao sítio do *European Picture Book Collection*, assim como pesquisas na internet, onde livros de diferentes nacionalidades podem ser consultados ou adquiridos. Em concordância com esta ideia, começa-se por lembrar que a presente abordagem foi efetuada tendo por base exclusiva livros de literatura para a infância publicados em Portugal e que podem, de facto, não ser fáceis de consultar em outros países, quer sejam ou não países lusófonos, apesar dos meios tecnológicos de que dispomos atualmente atenuarem essa impossibilidade. Mas considera-se que a sua divulgação pode despertar o interesse por publicações desconhecidas, num intercâmbio que seria desejável, por exemplo, no mundo lusófono, e que as linhas de concretização do presente projeto podem contribuir para o despoletar de outros projetos similares em outros países.

Referências bibliográficas

Almeida, A. (2007). *Educação Ambiental. A importância da dimensão ética*. Lisboa: Livros Horizonte.

Almeida, A. (2008). Como se posicionam os professores perante a existência e utilização de jardins zoológicos e parques afins? Resultados de uma investigação. *Educação e Pesquisa*, 34 (2), 327-342.

Almeida, A. e O. Strecht-Ribeiro (2001). Ecologia, Ecologismos e Literatura. *Revista de Educação*, X (2), 75-84.

Almeida, A. e O. Strecht-Ribeiro (2006). *O dono de tudo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Almeida, A. e O. Strecht-Ribeiro (2008). *Alerta no Zoo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Almeida, A. e O. Strecht-Ribeiro (2010). *A poupa poupada*. Lisboa: Livros Horizonte.

Alves, M. (1998). *Férias ecológicas*. Lisboa: Editorial Notícias.

Baptista, C.N. e S. Vilarigues (2001). Futuro Incerto. Educação Ambiental em Portugal. *Ozono*, 12, 15-21.

Baptista, E. (1977). *O julgamento do cuco*. Lisboa: Editorial SCIRE.

Correia, C.P. (1994). *A ilha dos pássaros doidos*. Lisboa: Relógio d'Água.

Correia, C.P. (1998). *O sapo Francisquinho*. Lisboa: Relógio d'Água.

Eco, U. (1983). *Leitura do texto literário*. Lisboa: Editorial Presença.

Eco, U. (2007). Os Gnomos de Gnu. Em U. Eco, *Três Pequenas Histórias* (pp. 77-111). Lisboa: Caderno.

Gomes, W. (2001). É urgente uma reflexão teórica sobre Educação Ambiental. *Ozono*, 12, 22.

Kahn, P.H., Jr. (1999). *The Human Relationship with Nature. Development and Culture*. Cambridge: The MIT Press.

Knapp, C.E. (1999). *In Accord with Nature*. Charleston: ERIC.

Kellert, S.R. (2002). Experiencing Nature: Affective, Cognitive, and Evaluative Development in Children. Em P. H. Kahn e S. R. Kellert, (Eds.), *Children and Nature*. (pp. 117-151). Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

LER⁺, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lisboa. Em:

<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/pnliv/apresentacao.php?idDoc=5>.

Letria, J. J. (1985). *João Ar-Puro no País do Fumo*. Rio Tinto: Edições Asa.

Losa, I. (2000). *Beatriz e o Plátano* (8ª ed.). Porto: ASA Editores II, S. A.

Mendonça, M.C. (s. d.). *A cidade dos automóveis*. Lisboa: Plátano Editora.

Mesquita, R.M. (2011). A literatura para a infância na construção de uma consciência ambiental. Dissertação de mestrado não publicada, Escola Superior de Educação de Bragança, Bragança.

Muralha, S. (1977). *Valéria e a Vida*. Lisboa: Livros Horizonte.

Nikki, G. e S. Yates (2008). *Exploring Children's Literature*. London: SAGE.

Perkins, M. (2008). Literature for the very young. Em P. Goodwin (Ed.). *Understanding Children's Books* (pp. 21-31). London: SAGE.

Ramos, R. e A.M. Ramos (2011a). Children's literature and environmental ethics. Comunicação apresentada no Congresso *Living with Consequences 2011 - Environmental Ethics and Society* (Koper, Eslovénia, 14-15 de outubro de 2011).

Ramos, R. e A. M. Ramos (2011b). Promoting ecoliteracy: challenges of children's literature in the new millennium. Comunicação apresentada no Congresso *The child and the book 2011* (Oslo, Noruega, 8-10 de abril de 2011).

Raposo, I. (1997). *Não há Bichos-de-Sete-Cabeças*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Sarland, C. (2005). Critical tradition and ideological positioning. Em P. Hunt (Ed.). *Understanding Children's Literature* (pp. 30-49). London: Routledge, 2005.

Seidman, I. (1998). *Interviewing as Qualitative Research. A Guide for Researchers in Education and Social Sciences* (2ª Ed.). New York, London: Teachers College Press.

Soromenho-Marques, V. (1998). *O Futuro Frágil - Os desafios da crise global do ambiente*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Tenreiro, C. e R. Vieira (2000). *Promover o Pensamento Crítico dos Alunos. Propostas Concretas para a Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.